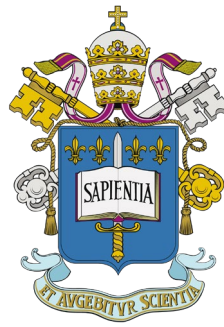


PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO



PUC-SP

Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes

Departamento de Ciências da Linguagem e Filosofia

Curso de Letras – Língua Inglesa

Bacharelado em Tradução Inglês-Português

A tradução de palavras-valise no poema *Jabberwocky* do livro *Alice através do espelho*

Isabella Barbosa de Sousa Silva

São Paulo

2024

A tradução de palavras-valise no poema *Jabberwocky* do livro *Alice através do espelho*

Isabella Barbosa de Sousa Silva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Letras – Língua Inglesa - Bacharelado em Tradução Inglês-Português, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no sexto semestre do curso.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Luiza Marcondes Garcia

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso buscou analisar as traduções brasileiras de Augusto de Campos (1977) e Fabio Takaoka (2023) e a adaptação de Ruy Castro (2023) de algumas palavras-valise presentes no poema *Jabberwocky* do livro *Alice Through The Looking Glass, and What Alice Found There*, do escritor inglês Lewis Carroll. Tomando como ponto de partida as reflexões de Saussure (2012) sobre a natureza do signo linguístico, aglutinação e analogia, relações associativas e sintagmáticas entre signos, utilizou ainda como referências teóricas os conceitos de criação lexical (Alves, 2002), cruzamento vocabular (Andrade e Rondinini, 2016), neologia tradutória (Reuillard e Bevilacqua, 2004), estratégias semânticas de tradução (Accácio e Santos, 2012), tradução literária (Domingos, 2009). A manipulação das palavras ficou evidente principalmente na edição brasileira adaptada, já que palavras-valise foram simplificadas a fim de garantir a leiturabilidade (Santos, 2009) para o público-alvo infanto-juvenil. De forma geral, cada tradutor utilizou diferentes estratégias de tradução para a mesma palavra; dessa forma, não utilizaram palavras semelhantes; uma mesma palavra inglesa pode ter sido traduzida por um sintagma de até três novas palavras ou por uma palavra de classe gramatical distinta da original. Além disso, observou-se que todos ora privilegiaram a sonoridade do significante, ora buscaram garantir o significado original. Além disso, ao escolher o termo na língua alvo, as duas traduções evitaram fazer referência a uma prática cultural desconhecida do público brasileiro. Uma característica presente na tradução de todas as palavras-valise foi a de manter efeitos de sentido poéticos e lúdicos próprios da obra de Lewis Carroll.

Palavras-chave: palavras-valise; neologia tradutória; estratégias semânticas de tradução.

ABSTRACT

This Final Paper aimed to analyze the Brazilian translations written by Augusto de Campos (1977) and Fabio Takaoka (2023) and the Brazilian adaptation written by Ruy Castro (2023) of some of the portmanteau words in the poem *Jabberwocky* from the book *Alice Through The Looking Glass, and What Alice Found There*, written by the English writer Lewis Carroll. Taking as a starting point Saussure's (2012) reflections on the nature of the linguistic sign, agglutination and analogy, associative and syntagmatic relationships between signs, this paper also has as theoretical references the concepts of lexical creation (Alves, 2002), vocabulary crossing (Andrade and Rondinini, 2016), translation neology (Reuillard and Bevilacqua, 2004), semantic translation strategies (Accácio and Santos, 2012), literary translation (Domingos, 2009). The manipulation of words was especially evident in the adapted Brazilian edition, since the portmanteau words were simplified in order to ensure readability (Santos, 2009) for the target audience of children and young readers. In general, each translator used different translation strategies for the same word; therefore, they did not use similar words; the same English word may have been translated by a syntagm of up to three new words or by a word of a different grammatical class to the original. In addition, it was observed that all of them either favored the sonority of the signifier or sought to maintain the original meaning. In addition, when choosing the term in the target language, both translations avoided referring to a cultural practice unknown to the Brazilian public. A characteristic present in the translation of all the portmanteau words was to maintain the poetic and ludic effects of Lewis Carroll's work.

Key-words: portmanteau words; translation neology; semantic translation strategies.

Sumário

Introdução	6
1. Objetivos	Erro! Indicador não definido.
2. Fundamentação teórica	Erro! Indicador não definido.
2.1. O que são e como se formam as palavras-valise	9
2.1.1. – Saussure, o signo linguístico e a formação de palavras.....	9
2.1.2 – Criação lexical e cruzamento vocabular	14
2.2. Tradução de palavras-valise.....	18
2.2.1 – Neologia tradutória	19
2.2.2. Estratégias semânticas de tradução	22
2.2.3. Tradução de literatura infanto-juvenil	23
3. Metodologia	Erro! Indicador não definido.
4. Análise	37
5. Conclusão	45
6. Bibliografia	48

Introdução

Os livros para crianças e a chamada literatura infanto-juvenil sempre foram do meu interesse pelo tipo de narrativa que trazem, pelo fato de serem direcionados a um público-alvo específico, mas, principalmente, pelo trabalho que o autor tem que desenvolver com a linguagem a ser utilizada na narrativa com o intuito de instigar e explorar a imaginação dos jovens leitores por meio de brincadeiras e jogos de palavras.

Por outro lado, durante o meu curso de graduação em Tradução Inglês/Português, identifiquei-me especialmente com os estudos da Linguística, uma ciência que eu desconhecia, e, em particular, com a teoria de Ferdinand de Saussure (1857-1913) que me mostrou a complexidade das línguas pela forma como os signos linguísticos se constituem e se relacionam, refletindo também as relações entre a língua e a cultura do povo que a fala, o que, para um tradutor, é essencial compreender.

Dessas duas vertentes —e, sem dúvida, considerando tudo o que pude aprender também com as aulas de tradução literária—, nasceu a definição de um tema para o presente Trabalho de Conclusão de Curso: a tradução do inglês para o português brasileiro de livros de literatura infanto-juvenil, considerando o enorme desafio que isso representa para o tradutor. Com tais questões em mente, foi possível definir, com minha orientadora, um autor, uma obra e um trecho específico dessa obra para analisar no TCC.

O autor escolhido foi Lewis Carroll (1832-1898) sobre o qual falaremos mais adiante; a obra eleita foi *Alice Through the Looking Glass*, por ser uma história que eu conhecia, gostava muito, mas nunca havia observado com olhos de uma tradutora; e o trecho dessa obra sobre o qual me debrucei foi o poema *Jabberwocky*, particularmente no que diz respeito às traduções das chamadas palavras-valise presentes no poema.

De forma geral, podemos pensar nas palavras-valise como duas palavras “embrulhadas” em uma só, ou, como eu defini para mim mesma, um signo linguístico com a cabeça de uma palavra e o rabo de outra. Sem dúvida, é um jogo linguístico, uma brincadeira que encanta as crianças e é tão típico da obra de Lewis Carroll.

Parecia-me ser possível olhar para a tradução das palavras-valise partindo de conceitos da teoria saussureana de linguagem, como, por exemplo, a relação arbitrária entre o significado – ou conceito da palavra — e o seu significante — a sua imagem acústica, ou a lembrança mental que temos da sua sonoridade. Afinal, os jogos linguísticos das palavras-valise que Lewis Carroll criou para divertir seus jovens leitores sempre brincam com os sentidos e sons das palavras. Outros conceitos saussureanos que me pareciam ser úteis para explicar tais palavras foram os de aglutinação e os que focalizam as relações paradigmáticas e sintagmáticas que se estabelecem entre os signos linguísticos.

Tal ponto de partida acabou levando-me mais longe ao me aprofundar na literatura da área que trata de neologismos, criação lexical, cruzamentos vocabulares, de um lado, e de neologia tradutória e tradução de palavras-valise, de outro.

As questões de pesquisa que formulei giram em torno das seguintes: como podemos explicar as diferentes traduções de algumas palavras-valise presentes no poema *Jabberwocky*? Que escolhas semelhantes e diferentes foram feitas por diferentes tradutores da mesma obra? É possível identificar em tais escolhas alguns dos procedimentos geralmente utilizados nas línguas para formar palavras e criar de neologismos descritos pela teoria linguística? Que diferentes efeitos de sentido a tradução da mesma palavra-valise provocam? E no caso de adaptações da obra, como as palavras-valise foram traduzidas?

Com tais questões em mente, dediquei-me a eleger quais edições da obra seriam objeto de análise e, juntamente com minha orientadora, definimos três traduções brasileiras, com diferentes datas de publicação, e uma adaptação da obra.

1. Objetivos

Geral

- Analisar como as palavras-valise presentes no poema *Jabberwocky* do original inglês *Alice Through the Looking Glass*, escrito por Lewis Carroll, foram traduzidas para o português em edições integrais e adaptações brasileiras.

Específicos

- Identificar os principais procedimentos linguísticos de formação de palavras e criação de neologismos utilizados na tradução de palavras-valise;
- Avaliar os diferentes efeitos de sentido provocados por diferentes traduções da mesma palavra-valise.

2. Fundamentação teórica

Para dar conta dos objetivos propostos no presente Trabalho de Conclusão de Curso, realizamos um levantamento bibliográfico de autores e obras que pudessem subsidiar as análises das diferentes traduções da obra escolhida. Em um primeiro momento, focalizamos o processo de criação de novas palavras na língua e sobre o conceito de palavras-valise, para, em seguida, refletirmos sobre a tradução deste tipo de palavra.

2.1. O que são e como se formam as palavras-valise

2.1.1. – Saussure, o signo linguístico e a formação de palavras

Ferdinand de Saussure é considerado o pai da Linguística Contemporânea e sua obra, o Curso de Linguística Geral (2012), publicada originalmente em 1916 e organizada a partir das anotações de seus alunos, traz uma visão inovadora sobre o estudo da língua, a perspectiva sincrônica, que se opõe à diacrônica ou histórica que predominava até então. Tal abordagem lhe permitiu redefinir o objeto e o método de estudo de uma ciência linguística: a natureza do signo linguístico e as relações de oposição que se estabelecem entre eles no interior de um determinado sistema linguístico. Vejamos alguns dos conceitos presentes na teoria saussureana que forneceram o ponto de partida para refletirmos sobre a tradução de palavras-valise.

Em primeiro lugar, cabe dizer que, para Saussure, é preciso abandonar a ideia simplista da língua como uma “lista de termos que correspondem a tantas outras coisas” (p. 105), já que cada signo linguístico não exprime ideias completamente feitas e que lhe seriam preexistentes. Na verdade, cada signo linguístico, uma palavra, por exemplo, é composto de dois termos: “o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (p.106). Ou seja, as unidades linguísticas, antes concebidas como termos que correspondem a coisas, tomam a forma de uma união entre um conceito, que ele chama de “significado”, e uma imagem acústica, que ele nomeia como “significante”. Vejamos com mais detalhe o que designam estes dois termos.

O significado é um conceito, uma ideia que expressa o que a coisa é e que designa sua finalidade, objetivo, ou função etc., em resumo, sua definição. Já o significante é a imagem acústica, ou a lembrança mental que temos do som de uma palavra e não o seu som físico. Ou seja, tanto significados quanto significantes são abstrações mentais. O significante de uma palavra está sempre relacionado ao seu significado ou conceito (e vice-versa) que exprime ideias intrínsecas à experiência humana. Isso equivale a dizer que ambos os termos que compõem o signo foram estabelecidos por uma convenção social. Vejamos como se dá tal relação.

Segundo Saussure:

“sem movermos os lábios, ou a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema. E porque as palavras da língua são para nós imagens acústicas, cumpre evitar falar dos ‘fonemas’ de que se compõem. Esse termo implica uma ideia de ação vocal, pode não convir senão à palavra falada, à realização da imagem interior no discurso. Com falar de sons e de sílabas de uma palavra, evita-se o mal-entendido, desde que recordemos tratar-se de imagem acústica” (p.106).

Isso é dizer que as palavras da língua são, para os falantes, imagens acústicas, ou significantes, que podem (ou não) serem acompanhadas de uma ação sonora, isto é, da realização da palavra falada em som.

Para que todos que compartilham a mesma língua se entendam, sem mal-entendidos, é necessário que os falantes saibam que o som de determinados fonemas combinados corresponde a um determinado significante, que, conseqüentemente, está ligado a um conceito ou significado. A ideia do significado é, no geral, invariável, mas a realização sonora (que depende dos fonemas) é variável. Isso porque os diferentes grupos de falantes de uma língua definem, por meio de um acordo ou convenção social, que um determinado grupo de fonemas combinados de uma determinada maneira forma uma palavra falada e ela se refere ao signo linguístico em questão. Isso pode ser ilustrado no português brasileiro pelos diferentes modos de dizer a mesma palavra, como ocorre em “*peixe*” e “*pêxe*”, um único signo, com o mesmo significado e um só significante, ainda que sonoramente diferentes. As conseqüências de que tanto o significado quanto o significante sejam estabelecidos

por convenção social conduz Saussure a postular a arbitrariedade do signo linguístico.

Para Saussure, “o laço que une o significante ao significado é arbitrário” (p.108), ou seja, o signo linguístico é arbitrário.

“Assim, a ideia de ‘mar’ não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes” (p. 108)

Por exemplo, diremos que foi por meio de um acordo social que os falantes da língua portuguesa convencionaram, arbitrariamente, que a sequência sonora resultante da junção dos fonemas *c-a-d-e-i-r-a* fizesse referência ao conceito “objeto de quatro pés utilizado para se sentar”, enquanto no inglês, esse mesmo conceito foi ligado à sequência *c-h-a-i-r*, e em espanhol à *s-i-l-l-a*. Nas palavras de Saussure, “todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio num hábito coletivo ou, que vem a dar na mesma, na convenção” (p.108).

Um segundo princípio fundamental do signo que Saussure aponta é o caráter linear do significante: por ter uma natureza auditiva, não é possível aos falantes produzirem sonoramente dois ou mais significantes em um só tempo, já que necessariamente ele é desenvolvido ao longo do tempo.

Um dos pontos altos da teoria saussureana – que, inclusive, influenciou posteriormente outras Ciências Humanas – é a ideia de que os signos linguísticos se organizam em sistemas em que cada signo não é autônomo ou existe por si só, mas sim só se define ao se opor a outros signos do mesmo sistema, tanto em relação aos seu significado, quanto ao seu significante. Dito de outra forma, o que dá valor a um signo não é algo que esteja nele mesmo, mas sim exatamente o que ele *não é* ou *deixa de ser*. Assim, o significado do signo *cadeira* só é completamente apreendido pelo falante quando ele entende que não se trata de um sofá, de uma poltrona ou de uma mesa etc. Da mesma forma, o significante do signo *cadeira* assim o é já que se opõe ou se distingue de outros significantes da língua que lhe são sonoramente próximos, como *canseira* ou *cadeirante*, por exemplo.

De tal forma a teoria saussureana da língua é inovadora e original, que muitos outros conceitos poderiam aqui ser citados; entretanto, levando em conta os objetivos

da presente pesquisa, vamos destacar apenas aqueles que nos interessam mais de perto.

Por exemplo, as relações sintagmáticas (baseadas na proximidade) e as relações associativas (ou paradigmáticas, que têm como base as semelhanças) que podem ocorrer entre os signos. Para o autor, “o sintagma se compõe sempre de duas ou mais unidades consecutivas, por exemplo, re-ler, contra todos, a vida humana [...]” (p. 171), ou seja, um sintagma pode ser apenas uma palavra, mas também a um grupo de palavras que mantenham relações sintagmáticas entre si, dito de outra forma, que lhe são próximas. Além disso, no decorrer de um texto o valor de um sintagma só é dado a partir da oposição ao que o antecipa ou o sucede. No entanto, fora do texto as palavras criam vínculos a partir da memória, o que faz com que elas formem grupos, e, nesses grupos, as palavras estabelecem relações diversas.

“Assim, a palavra francesa *enseignement* ou a portuguesa *ensino* fará surgir inconscientemente no espírito uma porção de outras palavras (*enseigner, renseigner etc. ou então armement changement*, ou ainda *éducation, apprentissage*” (p. 172)

É possível, portanto, notar que esse encadeamento de palavras surge pois todas têm algo em comum. Pode-se dizer, então, que esse fator comum entre elas é a memória de associação que uma palavra provoca e que leva à lembrança de outra(s) palavra(s) por serem semelhantes. Saussure nomeia esse processo entre elementos que não estão presentes no espaço, mas apenas na mente de cada falante, como relações associativas.

Assim, explica-se que a associação mental, além de aproximar o que há de comum entre os termos, também diz respeito à natureza de cada caso. Isso é, no exemplo do autor, dizer que o radical é o elemento comum entre as palavras *ensino, ensinar e ensinemos*, assim como o sufixo de palavras como *ensinamento, armamento e desfiguramento* também é o elemento comum dos termos (p.174). Ainda, Saussure explica que nas relações associativas se baseiam na analogia dos significados (no exemplo do autor: *ensino, instrução, aprendizagem, educação etc*) ou dos significantes (no exemplo do autor: *ensinamento e lento*). Como conclusão temos que qualquer palavra pode chamar, lembrar, aludir, fazer memória de tudo o que for possível/ suscetível de ser associado a ela.

Outro conceito que pode nos ser útil na análise da tradução das palavras-valise refere-se a um dos processos de formação de palavras, a aglutinação, que, segundo o autor, “consiste em que dois ou mais termos originalmente distintos, mas que se encontram frequentemente em sintagma no seio da frase, se soldem numa unidade absoluta dificilmente analisável” (p. 235). Como manifestações desse fenômeno, poderíamos considerar duas explicações que o autor nos fornece: a) a combinação de vários termos num sintagma, comparável a todos os outros; b) a aglutinação propriamente dita, que Saussure explica da seguinte maneira:

“[...] a síntese dos elementos do sintagma numa unidade nova. Essa síntese se faz por si própria, em virtude de uma tendência mecânica: quando um conceito composto é expresso por uma sequência de unidades significativas muito usual, o espírito, tomando por assim dizer um atalho, renuncia à análise e aplica o conceito em bloco ao grupo de signos, que se torna então uma unidade simples” (p. 235).

Saussure ainda ressalta as diferenças entre analogia e aglutinação: “na aglutinação, duas ou mais unidades se confundem numa só por sínteses, ou então duas subunidades não formam mais que uma. Pelo contrário, a analogia parte de unidades inferiores para delas fazer uma unidade superior” (p.236). Em outras palavras, as aglutinações são formadas pela síntese de duas ou mais unidades enquanto, para formar uma analogia, unidades inferiores se juntam a fim de formar uma superior. Além disso, é apresentada a ideia de que “a aglutinação opera unicamente na esfera sintagmática; sua ação incide num grupo dado; não considera outra coisa. Ao contrário, a analogia faz apelo às séries associativas tanto quanto aos sintagmas” (p. 236). Ademais, a fim de diferenciar os dois conceitos, coloca-os em comparação pois

“a aglutinação não oferece, sobretudo, nada de voluntário, nada de ativo; já o dissemos: trata-se de um simples processo mecânico, em que a juntura se faz por si só. Ao contrário, a analogia é um procedimento que supõe análises e combinações, uma atividade inteligente, uma intenção” (p. 237).

Isso é dizer que, a aglutinação atinge os sintagmas da língua, sempre tem precedência e fornece modelos para a analogia, além de ser uma atividade mecânica. Quanto a analogia, é uma construção que supõe análises para que haja combinações, ou seja, tem intenção e é uma atividade inteligente.

Para melhor compreensão dos conceitos, e já antecipando algo da análise de algumas palavras-valise do poema de Lewis Carroll sobre o qual vamos nos debruçar, vejamos alguns exemplos de palavras utilizadas por um de seus tradutores e que podem ser classificadas como analogias aglutinadas:

PALAVRAS	AGLUTINAÇÃO	ANALOGIA
Pintassilgos + Louva-a- deus	Pintalouvas	Aves metade pintassilgos, metade louva-a- deus
Toupeiras + Escovas	Touvas	Toupeiras que têm pêlos espetados como escovas
Mimosas + Musicais	Mimsicais	Têm beleza/são mimosas e musicais

2.1.2 – Criação lexical e cruzamento vocabular

Como apontado na Introdução, nosso ponto de partida foi a teoria saussureana, entretanto, buscamos outros autores para entender como a questão do neologismo, no geral, é analisada pela literatura especializada.

Para partir de uma definição simples, podemos considerar como o *Oxford Languages*, um conceituado dicionário *online*, define o termo neologismo:

Neologismo - substantivo masculino

Linguística

1. emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não.
2. atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na língua.

Disponível em:

<https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em 15.09.2024

Considerando agora um dos nomes mais importantes no estudo dos neologismos no Brasil, nos deparamos com o livro *Neologismo Criação Lexical* (2002) de Ieda Maria Alves, no qual a autora define neologismo como o elemento resultante da neologia, que, por sua vez, é compreendida como um processo de criação lexical. Para Alves (2002), a criatividade léxica pode ser exercida por qualquer falante da língua, uma vez que a língua é patrimônio da comunidade linguística. Quando uma nova palavra é criada na língua, os responsáveis pelo reconhecimento e difusão das criações lexicais são os meios de comunicação, que alcançam grande público, e também as obras literárias. Nessa obra, a autora descreve os processos mais produtivos de produção de palavras novas do português brasileiro, apontando, dentre eles, a criação de palavras-valise, que interessam de perto ao presente trabalho.

Ao tratar dos neologismos sintáticos, Alves (2002) os classifica como *derivados, compostos, compostos sintagmáticos e compostos formados por siglas ou acronímicos* (p. 14), criados por meio de prefixos e sufixos, composição subordinativa, coordenativa, satírica, entre bases não-autônomas, composição sintagmática (e vocabulários técnicos) e composições por siglas ou acronímica. Mais adiante, Alves (2002) explica a conversão como derivação imprópria que ocorre em uma formação lexical em que uma unidade léxica tem sua distribuição alterada sem que mudanças formais se manifestem. Ela dedica-se ainda a tratar dos neologismos semânticos, ou seja, a criação de um novo elemento por meio de qualquer transformação semântica apresentada em um item lexical. É o que ocorre, por exemplo, na criação dos neologismos semânticos *baixinho* e *piloto*, cujos significados são alterados para representar outras ideias em contextos específicos, como os *baixinhos* da Xuxa e o *piloto* para nomear alguém que faz a prova por terceiros (p. 62- 63). Além desses processos, a autora aborda outros processos de formação de palavras que contribuem para o enriquecimento lexical do português brasileiro, como a truncação, as palavras-valise, a reduplicação e a derivação regressiva.

Interessa-nos destacar como a autora define as palavras-valise, que são vistas como um tipo de redução:

“duas bases — ou apenas uma delas — são privadas de parte de seus elementos para constituírem um novo item léxico: uma perde sua parte final e outra, sua parte inicial. Esse mecanismo

tem recebido outras designações: cruzamento vocabular, palavra portmanteau, contaminação...” (p. 69)

Na citação acima tem-se o termo francês *portmanteuau*, uma palavra que também costuma ser usada para designar a palavra-valise e que significa, literalmente, *uma mala ou maleta composta de duas partes que se abrem e fecham*. Este foi, aliás, o termo originalmente usado por Lewis Carroll na obra *Alice Through the Looking Glass*, que, como veremos, é uma referência sempre considerada no estudo das criações lexicais.

Um outro trabalho que contribuiu para a compreensão do tema foi o de Andrade e Rondinini (2016), no artigo *Cruzamento vocabular: um subtipo da composição*, no qual os autores comparam processos de formação de palavras a partir da composição e do cruzamento vocabular. Segundo os autores, as palavras-valise podem ser entendidas como cruzamento vocabular, ou seja, um caso em que duas palavras, pertencentes ou não à mesma classe gramatical, se fundem em um todo fonético, com um único acento, mas sem perder as propriedades semânticas das formas que lhes deram origem. É o que ocorre quando uma nova palavra surge da fusão de duas outras que lhe servem de fonte, *como, por exemplo, baiano (baiano + mineiro), breganejo (brega + sertanejo), chafé (chá + café), marginata (marginal + magnata)* (p. 11).

Para os autores, os cruzamentos vocabulares revelam criatividade no uso da língua materna e sua força expressiva resulta da síntese de significados e do inesperado que se consegue com a combinação, por isso são encontrados não só na linguagem informal, e humorística, por exemplo, mas também na linguagem literária, o que gera liricismo (p.13).

Para ilustrar esse último caso, os autores apontam precisamente Lewis Carroll como um dos primeiros escritores a teorizar sobre os cruzamentos vocabulares, por meio do famoso personagem Humpty Dumpty da obra *Alice através do espelho*, quando, por exemplo, ele explica para a menina o significado da palavra *lubriciosos* (tradução livre do inglês *sligthy*, cruzamento de *slimy* 'liso' e *lithe* 'ágil, ativo'). E citam o trecho do livro de Carroll.

"Bem, 'lubriciosos' significa lúbricos que é o mesmo que escorregadios, e operosos, ágeis. Entende, é uma palavra-valise... há dois sentidos embalados numa palavra só"

(Carroll, apud Andrade e Rondini, 2016, disponível em <https://www.scielo.br/j/delta/a/NHKKfy8CJMGBXyZRsc7fTLR/?lang=pt>. Acesso 15.09.2024).

Para refletirmos sobre a criatividade e a força expressiva dos cruzamentos vocabulares na língua, pareceu-nos, então, bastante interessante investigar qual teria sido o impacto das criações de Lewis Carroll sobre a língua inglesa e, nesse sentido, nos deparamos com o artigo de Silva e Fromm (2012), intitulado *Alice no País dos Neologismos*, no qual os autores realizam uma análise contrastiva das obras de “Alice no País das Maravilhas” e “Alice no Reino do Espelho e o que Ela Encontrou Lá”, em português e em inglês, para investigar as possíveis contribuições de Lewis Carroll para a língua inglesa e na língua portuguesa, por meio da tradução.

De fato, os autores contabilizaram que *Alice Through the Looking Glass* tem vinte e uma palavras inventadas. Dentro dessas vinte e uma palavras, seis foram dicionarizadas no ano de 1871, a partir da publicação do livro, sendo elas: *mimsy*, *vorpal*, *frabjous*, *frumious*, *galumphing* e *manxome*. Os autores explicam que a maioria dessas palavras inventadas foram criadas a partir de *portmanteau*, ou *blending*:

“mimsy (miserable + flimsy = miserável + frágil), frabjous (fair + joyous = justo + feliz), frumious (fuming + furious= fumegante + furioso), galumphing (gallop + triumph = galope + triunfo)” (p. 9).

Entretanto, Silva e Fromm adicionam que as palavras “*manxome*” e “*vorpal*” são palavras que fazem parte do dicionário *Etymology Dictionary*, apenas com a explicação de serem palavras criadas por Lewis Carroll. Além disso, o dicionário *Dictionary.com* define a palavra “*manxome*” como sinônimo de “*fearsome*” que, em português, pode ser entendida como *horripilante*, *espantosa*, *que causa medo geralmente pela aparência*.

Além de trazerem à luz as vinte e uma palavras, Silva e Fromm (2012) ainda falam em seu trabalho sobre o título do poema *Jabberwocky*:

“O neologismo *wabe*, que aparece como substantivo no poema *Jabberwocky* de THLG (“and the slithy toves/ Did gyre and gimble in the wabe”), aparece como verbo no COHA (“they had no right to wabe unprovoked war against the natives”) e, o que é mais interessante, sua primeira entrada é de 1820, muito antes da publicação de THLG. Apesar disso, a palavra não está dicionarizada e não se encontram definições para ela na Internet”.

Além destas, consideram ainda as palavras já dicionarizadas *gyre* (considerada palavra nova por Carroll na versão de *Alice Through the Looking Glass* do ano 1896 na explicação de pronúncia da palavra no poema *Jabberwocky*); *beamish* (que, segundo os autores, já existia três séculos antes da criação de *Jabberwocky*, já que está atestada de 1530 de acordo com o *Online Etymology Dictionary*); *mome* (explicada por Humpty Dumpty como um espécie de porco verde), *raths* (explicada por Humpty Dumpty como diminutivo de casa, caminho), *uffish* (que, de acordo com os autores, parece, pelo contexto, significar uma variação da palavra *offish*, definida como distante física ou mentalmente).

2.2. Tradução de palavras-valise

A tradução é uma atividade fundamental em qualquer sociedade que tenha contato com outras sociedades, ou seja, em qualquer cenário em que uma cultura tenha contato com outra e com idiomas diferentes (Britto, 2012). Isso porque a tradução é parte da comunicação, que é a base de uma sociedade: livros, manuais, diálogos entre pessoas, entretenimento, exportação e importação; são vários os contextos em que a tradução é imprescindível.

Para Saussure (2012), os signos de uma língua são arbitrários, ou seja, dependem de acordos sociais feitos pelos falantes, o que faz com que cada idioma defina um diferente significante para um mesmo significado, de forma arbitrária; por isso temos *flower* em inglês e *flor* em português. Entretanto, na medida em que cada língua recorta a realidade em conceitos de uma forma diferente, em função de suas

práticas culturais, é possível dizer que também os significados são, em boa medida, arbitrários, já que muitos existem apenas em culturas determinadas, tendo, portanto, que serem explicitados ou adaptados a contextos de tradução.

Pode-se dizer, assim, sobre as palavras-valise em *Jabberwocky*, que Lewis Carroll criou significados e atribuiu-lhes significantes próprios da cultura e da língua inglesa, cabendo aos tradutores recriá-los em suas traduções.

“Traduzir — principalmente traduzir um texto de valor literário — nada tem de mecânico; é um trabalho criativo. O tradutor não é necessariamente um traidor; e não é verdade que as traduções ou bem são belas ou bem são fiéis; a beleza e fidelidade são perfeitamente compatíveis.” (Britto, 2012, p.18-19)

“Não cabe ao tradutor criar estranhezas onde tudo é familiar, tampouco simplificar e normalizar o que, no original, nada tem de simples ou de convencional” (Britto, 2012, apud Martins, 2017, p. 21-22)

São exatamente esses aspectos da tradução do poema de Lewis Carroll que buscamos focalizar nos trabalhos que compõem a próxima seção.

2.2.1 – Neologia tradutória

A língua é flexível, ou seja, está sempre em mudança, não é estática e é exatamente essa característica que permite, independentemente da época, que os falantes possam articular a linguagem a fim de criar novas palavras e excluir algumas outras do acervo lexical. Esses itens lexicais (que compõem o acervo lexical) são flexíveis exatamente para suprir a necessidade dos falantes de acompanhar as mudanças da língua com base nas inovações. Para ilustrar, pode-se citar a criação da palavra *sapatênis*, que é a junção de *sapato* e *tênis* para designar um calçado que não é exatamente um tênis tradicional.

De acordo com Reuillard e Bevilacqua (2004), autoras do artigo *Neologia Tradutória* (2004), o estudo do processo de criação de novas palavras que visam

renovar o léxico existe desde a Antiguidade, com a gramática descritivista greco-latina, mas só se desenvolveu na metade do século XX.

Pode-se definir a neologia como a “a possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em virtude das regras de produção incluídas no sistema lexical” (Guilbert, 1975, apud Reuillard e Bevilacqua, p. 10), tanto na língua geral como na de especialidade, embora a essência da neologia no léxico geral e nos vocabulários específicos, como científicos e técnicos, seja diferente. No primeiro, a neologia é ligada à criação lexical na esfera morfológica de acordo com as regras do sistema da língua e considerando a imaginação criativa dos leitores, enquanto, nos vocabulários específicos, leva-se em conta a realidade expressa ou postulada.

Tomando como base teórica Guilbert (1975, apud Reuillard e Bevilacqua), as autoras propõem classificar três tipos de criação lexical: neologia denominativa, neologia estilística e neologia de língua.

A neologia denominativa é a necessidade de nomear um objeto ou novo conceito buscando a exata adequação do nome do objeto ou do conceito para que não haja ambiguidade. Guilbert (1975, apud Reuillard e Bevilacqua, p. 10) o chama ‘denominação’ ou ‘neologia de coisa’. O segundo tipo é a neologia estilística e refere-se à inovação de ideias por meio da palavra, isto é, expressa ideias não originais de uma nova maneira, “busca da expressividade da palavra em si mesma, ou da frase pela palavra para expressar, seja de maneira nova, seja uma visão pessoal do mundo” (Reuillard e Bevilacqua, p. 10). O autor nomeia essa forma de criação de ‘neologismo de fala’ ou ‘neologismo de autor’ e fornece como exemplo os neologismos literários de Lewis Carroll, que buscam um efeito sobre o público (destinatário). Para as autoras, que retomam aqui Cardoso (2004, apud Reuillard e Bevilacqua, p. 11) e Alves (1999, apud Reuillard e Bevilacqua, p. 11), os neologismos literários e estilísticos geralmente são passageiros, já que apresentam um valor expressivo somente naquele momento e naquele texto e, por isso, ao cumprirem o papel expressivo, acabam sendo esquecidos, não são incorporados na língua; assim os neologismos literários (bem como jornalísticos e publicitários, por exemplo). De fato, como vimos acima, não foi bem esse o caso dos neologismos criados por Lewis Carroll, já que muitos deles foram dicionarizados e passaram a fazer parte da língua inglesa.

Já o terceiro tipo de neologia é o neologismo de língua, que diz respeito às “formações verbais que não se distinguem das palavras comuns do léxico e que não

chamam a atenção quando usadas pela primeira vez”, ou seja, depois de criado, o neologismo de língua seria ou rejeitado ou aceito pelo público.

Para as autoras a formação dos neologismos tem início nos mecanismos provenientes da língua em si e outros sistemas linguísticos e podem ser fonológicos, sintáticos, semânticos, por conversão, por empréstimo e por processos como truncação, palavras-valise, reduplicação e derivação regressiva. Para ela, palavras-valise são criadas a partir “de uma ou duas bases que perdem uma parte de seus elementos e constituem um novo item léxico” (Alves, 1994, apud Reuillard e Bevilacqua, p. 13).

Ao entrarem no assunto palavras-valise, Reuillard e Bevilacqua citam os autores Boulanger (1979) e Reuillard (2007). Para Boulanger (Boulanger, 1979, apud Reuillard e Bevilacqua, p. 13), as palavras-valise são resultantes “de uma sequência de palavras a uma só: conserva-se a parte inicial da primeira palavra e a parte final da última”. No entanto, ressalta que esse “corte” nas palavras nem sempre é morfologicamente natural. Além disso, Reuillard (2007, apud Reuillard e Bevilacqua, p. 13), em um estudo, comprovou que as palavras-valise são um dos processos neológicos mais proveitosos na obra de psicanálise de Jacques Lacan. Nesse, algumas características são compartilhadas com o discurso literário, como a criatividade e a importância atribuída ao significante.

Ademais, as autoras citam André Clas (1987), que se refere à palavras-valise como um processo utilizado tanto pela língua técnica quanto pela língua corrente, e diz que essas criações podem ser efêmeras e ter status estilístico. Ainda, Clas (1987, apud Reuillard e Bevilacqua, p. 14) lembra que a função das palavras-valise é de um processo lúdico e econômico de formação de palavras “de matriz terminológica, universal, que pode responder a necessidades de criatividade” (Clas, 1987, apud Reuillard e Bevilacqua, p. 14) .

Quanto à neologia e à tradução, as autoras afirmam (p.15) que tradutores se deparam muito frequentemente com a neologia e com os desafios criados por ela. Como disseram antes, as palavras-valise, por vezes, têm fundo técnico e podem ser incorporadas na língua. No entanto, até que isso aconteça e sejam dicionarizadas há um espaço de tempo longo. Dessa forma, o tradutor, sendo sempre limitado pelo tempo, é obrigado a oferecer ao texto na língua de chegada (ou seja, traduzido) uma solução para o neologismo presente no texto na língua de partida (ou seja, o texto não traduzido).

Para sustentar esse tópico, as autoras utilizam Hermans e Vansteelandt (1999), que dizem que há duas estratégias para a solução desse problema para o tradutor: traduzir por meio de um sintagma, ou priorizar o significante da língua de partida em detrimento do significado. Os autores (Hermans e Vansteelandt, 1999, apud Reuillard e Bevilacqua, 2012) classificam a neologia em dois tipos: primária e tradutória. A neologia primária diz respeito a todo termo que é criado em uma língua e que dá vida a um novo conceito, enquanto, na neologia tradutória forma e introduz termos que já existem precedentes na língua.

Com isso, dizem que o tradutor não lida e cria neologismos diariamente e defendem que “não se traduz de uma língua para outra. O tradutor não busca sistematicamente equivalentes para todos os termos do texto a ser traduzido (nunca traduz palavra por palavra)” (Hermans; Vansteelandt, 1999 apud Reuillard e Bevilacqua, p. 16). Dessa forma, para eles, o tradutor deve levar em conta todos os aspectos e dimensões do referente (língua de partida) para melhor traduzir o texto para a língua de chegada com base no que é importante para a língua de chegada (como discurso e hábitos linguísticos, afastando-se, portanto, do texto original a fim de preservar a mensagem, não a forma). Ademais, reforçam que os tradutores precisam criar os termos apenas se eles forem essenciais para a transmissão da mensagem ao leitor do texto traduzido.

2.2.2. Estratégias semânticas de tradução

O artigo As estratégias semânticas na tradução de neologismos em literatura infanto-juvenil de Accácio e Santos (2012) interessa ao presente trabalho na medida em que as autoras se propõem a analisar estratégias para traduzir o significado dos compostos neológicos na literatura infanto-juvenil, da língua alemã para a língua portuguesa, além de focalizarem como os significantes constituintes foram traduzidos. Com isso, as autoras chegaram ao conceito de “estratégias semânticas de tradução”, utilizadas, nesse caso do livro *Memes of translation* (1997) de Andrew Chesterman. Tais estratégias seriam as seguintes:

- sinonímia, quando a tradução de uma palavra recebe sinônimos para evitar repetições;
- antonímia, que ocorre pelo uso de uma palavra com significação oposta;

- hiponímia, quando há a alteração do conteúdo semântico “*podendo passar do genérico ao específico, do específico ao genérico e do específico para o mais específico*” (p. 211);
- conversão: uso de verbos com conteúdo parecidos, mas com pontos de vista distintos;
- modificação na abstração, que “*remete à mudança do abstrato para o mais concreto e do concreto ao mais abstrato*” (p. 212);
- modificação na distribuição, quando os elementos semânticos são aumentados ou diminuídos;
- modificação na ênfase, em que o enfoque temático pode ser alterado, reduzido ou sofrer adição;
- paráfrase: pela utilização de “*uma tradução que priorize o sentido pragmático, isto é, mais livre.*” (p. 212)

2.2.3. Tradução de literatura infanto-juvenil

A obra *Tradução, Vanguarda e Modernismos* (2009) é uma coletânea de artigos acadêmicos sobre a produção de prosa, poesia, teatro e música popular pela linha tradutória. Os autores abordam temas como literatura norte-americana, tradução para o teatro, e, entre outros, também discorre sobre a literatura infanto-juvenil contemporânea, o que interessa de perto ao presente trabalho por abordar a criatividade do tradutor ao traduzir a literatura voltada ao público infantil, realizando escolhas de palavras e estruturas e utilizando estratégias linguísticas para mantê-lo interessado na leitura do texto.

No capítulo *O Tradutor e o Texto Literário Poético*, Domingos diz que o texto literário poético é um “universo linguístico carregado de ritmo e imagens” (p. 153) o que, ao aplicarmos no poema *Jabberwocky*, diz respeito às imagens e sentidos criados pelas invenções de Humpty Dumpty, como no trecho a seguir:

—Bom, as "touvas" têm algo de toupeiras, algo de lagartos e algo de saca-rolhas, e têm pêlos espetados como escovas.
—Devem ser bichos muito esquisitos.”

(Tradução de Augusto de Campos, 1977).

No capítulo *Tradução de Literatura Infanto-juvenil Contemporânea*, Santos, baseando-se em Coelho, (1991, apud Santos, 2009) afirma que há três tendências evidentes na literatura infanto-juvenil:

- uma literatura realista, cujo objetivo é o de, por meio de temas cotidianos e realísticos, preparar a criança para o mundo adulto;
- uma literatura fantasista, que prioriza o mundo da fantasia ao mundo real;
- uma literatura híbrida, que toma como ponto de partida o mundo real para atingir o mundo imaginário ou da fantasia.

A nosso ver, a literatura de Lewis Carroll presente em *Alice no País do Espelho*, pertence ao terceiro tipo, é híbrida, pois a história começa quando Alice, entediada por estar presa em casa por mau tempo, olha-se no espelho e vê sua casa refletida ao contrário. Curiosa como é, decide entrar no espelho e depara-se com um mundo fantástico onde o tempo corre de forma diferente e tudo funciona segundo as regras do jogo de xadrez. Como se vê, a premissa da história transita entre o mundo real e o mundo fantástico.

Santos (2009) ainda ressalta que o autor escreve a obra literária com base no que entende como mais adequado à criança da época em que foi escrito e, para isso, utiliza o sistema literário vigente (p. 210). Além disso, para a autora, a percepção da diferença entre o mundo infantil e o mundo adulto e o modo como a criança é concebida pelo autor transparecem na obra como um todo, o que inclui a sua tradução. Isso porque a censura, adaptação e o que ela chama de “purificação” são mecanismos que editoras e tradutores utilizam para “modificar” o texto seguindo o que julgam adequado ou não para o público infantil. Assim, quando há palavras, estruturas sintáticas e expressões que, acredita-se, podem não ser claras ou completamente entendidas pelas crianças, elas são explicitadas ou até simplificadas para se obter o que a autora nomeia como “leitabilidade” do texto em questão.

3. Metodologia

Para que este Trabalho de Conclusão de Curso fosse realizado, iniciamos com o levantamento, leitura e produção de resenhas das referências teóricas que pudessem subsidiar a análise das traduções para o português do livro *Alice Through the Looking Glass*, escrito por Lewis Carroll, mais especificamente a obra *Alice Through The Looking Glass, and What Alice Found There*, escrito por Lewis Carroll e publicado pela editora Harper & Brothers em 1902, sendo a edição original de 1871.

Simultaneamente, fomos tomando contato com trabalhos que focalizam a obra do próprio autor do livro, o que nos levou a ir definindo tanto o principal objeto de análise do presente trabalho — a tradução das palavras-valise— o que também afetou a própria definição dos textos teóricos que pudessem fornecer base para a análise, voltados agora para questões relacionadas à criação lexical, neologismos e cruzamento vocabular.

Ou seja, o contato com a biografia e a obra do autor, assim como com a sua fortuna crítica, ou seja, o que foi dito sobre o autor e sua obra, foi essencial para definir o percurso metodológico do TCC. Vejamos quem foi esse autor.

3.1. Lewis Carroll e sua fortuna crítica

Charles Lutwidge Dodgson foi um matemático e escritor que existiu por trás do pseudônimo de Lewis Carroll. Nascido em 27 de janeiro de 1832 em Daresbury, Cheshire, foi um dos autores mais curiosos da literatura na Era Vitoriana. Isso porque, como apontam os estudiosos, suas obras eram repletas de nonsense, um “tipo de humor especificamente britânico [...] um jogo lógico com regras próprias [...] joga com as regras do senso comum” (Pereira, 2013, p. 1- 2), e fantasias baseadas no imaginário infantil, no entanto, com linguagem que poderia apenas ser “totalmente apreciada por adultos” (Hudson, 1958). Isso significa que, embora se trate de uma obra popularmente conhecida como literatura infantil, aborda temas que também são pertinentes aos adultos.

Amarante (2000), em seu livro *As Antenas do Caracol: notas sobre literatura infantojuvenil*, ao comentar a obra de Lewis Carroll, reúne as opiniões de alguns escritores sobre o tipo de *nonsense* utilizado por Carroll, como, por exemplo, a de

Elizabeth Sewell Alcott, irmã da escritora inglesa Louise May Alcott, para quem a obra de Carroll “toma forma numa narrativa bem concatenada, com muito mais prosa do que verso, essencialmente coloquial [...] e, às vezes, altamente abstrata e complexa na sua linguagem’.”

Já para o escritor Aldous Huxley, Lewis Carroll: “escreveu nonsense exagerando o sentido— uma lógica muito racional, seus neologismos eram intelectuais”. Segundo Martin Gardner, estudioso de Lewis Carroll, as palavras que Lewis Carroll utilizou no poema Jabberwocky:

“podem sugerir significados vagos, como um olho aqui e um pé acolá, como numa abstração de Picasso, ou podem não ter absolutamente sentido algum— um mero jogo de sons agradáveis, como o jogo de cores não objetivas numa tela. Carroll não foi, é claro, o primeiro a usar essa técnica ambígua em versos humorísticos [...]”.

(AMARANTE, 2000. Disponível em

https://www.google.com.br/books/edition/As_antenas_do_caracol/isQADAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=google+books+AMARANTE,+Dirce+Waltrick+do.+As+antenas+do+caracol:+notas+sobre+literatura+infantojuvenil.&pg=PT1&printsec=frontcover. Acesso 19.09.2024)

Amarante ainda expressa sua visão sobre o título do poema Jabberwocky:

“ ‘*Jabberwocky*’, como é denominado o monstro de Carroll, não tem um significado propriamente dito: *jabber*, em inglês, é substantivo e verbo, significando ‘tagarelice’, ‘grasnada’, ‘tagarelas’, ‘grasnar’. Já *wocky* é uma palavra cunhada pelo autor.”

(AMARANTE, 2000. Disponível em

https://www.google.com.br/books/edition/As_antenas_do_caracol/isQADAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=google+books+AMARANTE,+Dirce+Waltrick+do.+As+antenas+do+caracol:+notas+sobre+literatura+infantojuvenil.&pg=PT1&printsec=frontcover. Acesso 19.09.2024)

Como se disse anteriormente, conhecer os traços que marcam a obra de Lewis Carroll apontou para a necessidade de circunscrever o universo de análise do presente trabalho, considerando a complexidade e a originalidade dos dados a serem analisados. Em conjunto com a orientadora, definiu-se então um trecho específico da obra para ser analisado - o poema *Jabberwocky* – e, no interior do poema, quantas e quais palavras-valise seriam comparadas e analisadas em cada tradução da obra, à luz da fundamentação teórica.

3.2 – Delimitando os dados

Levando em conta as traduções brasileiras de *Alice Through the Looking Glass* e, buscando privilegiar diferentes datas de publicação, foram eleitas as seguintes edições:

- *Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Alice Através do Espelho*, tradução de Sebastião Uchoa Leite, publicado pela Summus Editorial, em 1977; entretanto, especificamente a tradução do poema que será objeto de análise do presente trabalho ficou a cargo do renomado poeta brasileiro Augusto de Campos (1931-);
- *Alice Através do Espelho*, tradução de Fabio Kataoka, publicado pela editora Garnier Editora, em 2024.

Além das duas traduções, achamos importante analisar também uma adaptação da obra e a escolha recaiu sobre a seguinte:

- *Alice Através do Espelho... E o que Ela Encontrou Lá*, adaptado por Ruy Castro, publicado pela editora Companhia das Letrinhas, em 2023.

Com as edições a serem analisadas definidas, fizemos a delimitação do trecho do livro (resumido a seguir), em que a análise se concentra: trata-se do Capítulo 6 em que a personagem Alice se encontra com a personagem com Humpty Dumpty - presente em todas as edições do livro, com exceção da adaptação, cujo trecho localiza-se logo no início do livro, exatamente quando Humpty Dumpty explica para Alice que ele pode perfeitamente decidir quais são os sentidos das palavras — palavras essas que o autor da adaptação optou por deixar explicadas ao final do livro,

como em um apêndice, e não durante a conversa de Humpty Dumpty com Alice sobre os sentidos das palavras do poema.

Na narrativa do livro *Alice Through the Looking Glass* (Carroll, 1902), continuação de *Alice in Wonderland* (Carroll, 1865), podemos acompanhar Alice em uma nova aventura que tem início quando a menina fica presa em casa por conta da neve. Com isso, entediada e com sono, Alice começa a imaginar suas gatinhas de estimação, como Rainha Vermelha e Rainha Branca. A partir disso, Alice imagina-se atravessando um espelho e torna-se uma peça de xadrez em um mundo onde o jogo ganha vida e a Rainha Vermelha explica a ela as instruções para jogá-lo. A história, então, prossegue com a protagonista andando pelas casas do tabuleiro, sendo uma casa para cada capítulo do livro.

No capítulo 6, Alice encontra com Humpty Dumpty e o personagem explica a ela que pode manipular as palavras o quanto quiser. Transcrevemos a seguir trechos do livro:

— Não sei o que quer dizer com “glória”— disse Alice.

Humpty Dumpty sorriu, desdenhoso.

— Claro que não sabe... até que eu lhe diga. Quero dizer “é um belo e demolidor argumento para você!”

— Mas “glória” não significa “um belo e demolidor argumento”— Alice objetou.

— Quando eu uso uma palavra— disse Humpty Dumpty num tom bastante desdenhoso —, ela significa exatamente o que eu quero que signifique: nem mais nem menos.

[...]

— É um bocado para fazer uma palavra significar algo, ter sentido— disse Alice, pensativa.

— Quando faço uma palavra trabalhar tanto assim— disse Humpty Dumpty—, sempre lhe pago um adicional.”

(Kataoka, 2024; p.87-9)

Ao notar a habilidade de Humpty Dumpty em explicar palavras, Alice pede para que ele explique o poema *Jabberwocky* (denominado *Jaguadarte* na tradução de Augusto de Campos) Dessa forma, ao explicar o significado das palavras do poema, Alice é introduzida ao termo “palavra-valise”.

“ — Isso basta para darmos início— Humpty Dumpty interrompeu-a—, há um bocado de palavras difíceis aí. “Solumbrava” que dizer que a tarde caía: é aquela hora em que o sol vai baixando e as sombras se alongam.

— Entendi direitinho— disse Alice.— E lubriciosos?

— Bem, “lubriciosos” significa lúbricos, que é o mesmo que escorregadios, e operosos, ágeis. Entende, é uma palavra-valise... há dois sentidos embalados numa palavra só.”

(Kataoka, 2024; p.89-90)



(John Tennel; Alice Através do Espelho, 2023)



(Laurabeatriz; Alice através do espelho... e o que ela encontrou por lá, 2023)

A seguir, transcrevemos os trechos em que figuram as palavras-valise cujas traduções serão analisadas, tanto do original em inglês, de 1902, como das três edições brasileiras selecionadas (duas traduções e uma adaptação).

VERSÃO ORIGINAL INGLESA

CARROLL, Lewis. *Alice Through The Looking Glass, and What Alice Found There*. New York and London: Harper & Brothers, 1902. pp. 119-122

"You seem very clever at explaining words, Sir," said Alice. "Would you kindly tell me the meaning of the poem called 'Jabberwocky'?"

"Let's hear it," said Humpty Dumpty. "I can explain all the poems that ever were invented — and a good many that haven't been invented just yet."

This sounded very hopeful, so Alice repeated the first verse:

*"Twas brillig, and the slithy toves
Did gyre and gimble in the wabe :
All mimsy were the borogoves,
And the mome raths outgrabe."*

"That's enough to begin with," Humpty Dumpty interrupted; "there are plenty of hard words there.

'Brillig' means four o'clock in the afternoon—the time when you begin broiling things for dinner."

"That 'll do very well," said Alice; "and 'slithy'?"

"Well, 'slithy' means 'lithe and slimy'. 'Lithe' is the same as 'active.' You see, it's like a portmanteau — there are two meanings packed up into one word."

"I see it now," Alice remarked, thoughtfully; "and what are 'toves'?"

"Well, 'toves' are something like badgers—they're something like lizards—and they're something like corkscrews."

"They must be very curious-looking creatures."

"They are that," said Humpty Dumpty; "also they make their nests under sun-dials; also they live on cheese."

"And what's to 'gyre' and to 'gimble'?"

"To 'gyre' is to go round and round like a gyroscope. To 'gimble' is to make holes like a gimblet."

"And 'the wabe' is the grass-plot round a sun-dial, I suppose?" said Alice, surprised at her own ingenuity.

"Of course it is. It's called 'wabe,' you know, because it goes a long way before it and a long way behind it—"

"And a long way beyond it on each side," Alice added.

" Exactly so. Well, then, 'mimsy' is 'flimsy and miserable' (there's another portmanteau for you). And a 'borogove' is a thin, shabby-looking bird with its feathers sticking out all round— something like a live mop."

"And then 'mome raths'?" said

Alice. "I'm afraid I'm giving you a great deal of trouble."

"Well, a 'rath' is a sort of green pig; but 'mome' I'm not certain about. I think it's short for 'from home'—meaning that they'd lost their way, you know."

"And what does 'outgrabe' mean?"

"Well, 'outgribing' is something between bellowing and whistling, with a kind of sneeze in the middle; how-ever, you'll hear it done, maybe down in the wood yonder; and, when you've once heard it, you'll be quite content. Who's been repeating all that hard stuff to you?"

"I read it in a book," said Alice. "But I had some poetry repeated to me much easier than that, by—Tweedledee, I think it was."

TRADUÇÃO 1

CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Alice Através do Espelho*. Tradução de **Sebastião Uchoa Leite**. Tradução do poema **Jaguardarte de Augusto de Campos**, São Paulo, Summus Editorial, 1977, pp. 197-198

— O senhor parece ter muita habilidade para explicar o sentido das palavras - disse Alice. - Podia me fazer a gentileza de explicar o sentido do poema "Jaguardarte"?

— Vamos ver isso —disse Humpty Dumpty. — Posso explicar todos os poemas que já foram inventados... e boa parte dos que ainda não foram inventados.

Isso parecia bastante promissor. Assim, Alice repetiu os primeiros versos do "Jaguardarte":

Era briluz. As lesmolisas touvas

Roldavam e relviam nos gramilvos

Estavam mimsicais as pintalouvas

E os momirratos davam grilvos.

—*Basta, pra começar — interrompeu Humpty Dumpty. — Há uma porção de palavras intrincadas aqui. "Briluz" significa o brilho da luz às quatro horas da tarde, quando se passa a cena descrita nos versos.*

—*Agora ficou claro — disse Alice. — E "lesmolisas"?*

—*Ora significa "lisas como lesmas". Veja bem, é uma palavra valise: dois significados embrulhados numa palavra só.*

—*Ah, estou entendendo — comentou Alice pensativamente. —E o que são "touvas"?*

—*Bom, as "touvas" têm algo de toupeiras, algo de lagartos e algo de saca-rolhas, e têm pêlos espetados como escovas.*

—*Devem ser bichos muito esquisitos.*

—*E são — disse Humpty Dumpty. — Fazem ninhos nos relógios de sol e se alimentavam de queijo.*

—*E o que é "roldavam" e "relviam"?*

—*"Roldavam" significa que os bichos rodavam em roldão, "relviam" que eles se revolviam na relva. "Roldar" também pode ser girar como uma roldana.*

—*E "gramilvos", aposto, devem ser os tufo de grama plantados em torno dos relógios de sol, onde se ouvem os silvos das serpentes — disse Alice, espantada com a sua própria sagacidade.*

—*Exatamente, é isso. Quanto a "mimsicais" significa "mimosas e musicais" (e aí tem você outra palavra-valise). E "pintalouvas" são aves canoras meio pintassilgos e meio louva-a-deus.*

—*E "momirratos", que é? - perguntou Alice. - Espero que não esteja lhe dando muito trabalho.*

—*Bom, "ratos" não precisa explicar. Mas "momi" não sei bem o que é. Talvez venha de "momices", isto é, caretas e trejeitos. E lembra também as festas de momo, o carnaval. Assim, "momirratos" talvez sejam ratos careteiros ou carnavalescos, o que vem a dar no mesmo.*

—*E o que quer dizer "grilvos"?*

— *Penso que deve ser uma mistura de gritos com silvos bem agudos, com algo pelo meio parecido com o chiro dos grilos. Aliás, você ouvirá esse som em breve, talvez lá na floresta. E ao ouvi-lo, ficará muito satisfeita, creio. Quem recitou coisas tão complicadas para você?*

— *Li num livro - disse Alice. — Mas já me recitaram coisas mais fáceis do que isso, acho que foi Tweedledee.*

TRADUÇÃO 2

CARROLL, Lewis. *Alice Através do Espelho*. Tradução de Fabio Takaoka. Barueri: Garnier Editora, 2023, pp. 89-92

[...]— Faria a gentileza de me dizer o significado do poema chamado ‘Pargarávio’?

— *Vamos ouvi-lo — disse Humpty-Dumpty. — Posso explicar todos os poemas que já foram inventados e muitos que ainda não foram.*

Como isso soava muito promissor, Alice citou a primeira estrofe:

*Solumbrava, e os lubriciosos touvos
em vertigiros personavam as verdentes;
Trisciturnos calavam-se os gaiolouvos
e os porverdidos estrigulavam fiendes.*

— *Isso basta para darmos início — Humpty-Dumpty interrompeu-a —, há um bocado de palavras difíceis aí. ‘Solumbrava’ que dizer que a tarde caía: é aquela hora em que o sol vai baixando e as sombras se alongam.*

— *Entendi direitinho — disse Alice. — E lubriciosos?*

— *Bem, ‘lubriciosos’ significa lúbricos, que é o mesmo que escorregadios, e operosos, ágeis. Entende, é uma palavra-valise... há dois sentidos embalados numa palavra só.*

— *Agora entendo — Alice comentou pensativa —; e o que são ‘touvos’?*

— *Bem, os ‘touvos’ são um tanto parecidos com os texugos... têm um pouco de lagartos... e lembram muito um saca-rolha.*

— *Devem ser criaturas estranhas.*

— *E são, disse Humpty-Dumpty —, além disso, fazem seus ninhos sob relógios de sol... ah, e se alimentam de queijo.*

— *E o que é ‘vertigiros’ e ‘persondavam’?*

— *‘Vetigiro’ é o giro vertiginosamente rápido de uma verruma. ‘Persondar’ é perfurar perscrutando.*

— *E ‘verdentes’ são os canteiros de grama em volta de um relógio de sol, não é?*

— *disse Alice, surpresa com a própria sagacidade.*

— *Mas é claro. Chamam-se assim porque alí os gafanhotos cortam a grama...*

— *Com os dentes — Alice acrescentou.*

— *Exatamente. Depois, ‘trisciturno’ é triste, taciturno e norturnal (mais uma palavra-valise para você). E ‘gaiolouvo’ é uma ave magricela de aspecto andrajoso com as penas espetadas para todo lado... lembra muito um esfregão vivo.*

— *E os ‘poverdidos’ são porcos verdes que perderam o caminho de casa.*

— *E o que significa ‘estriguilavam’?*

— *Ora, ‘estriguilavar’ é algo entre estridular, guinchar, cricrilar, estrilar e assobiar, com uma espécie de espirro no meio, mas você terá oportunidade de ouvir isso, talvez... no bosque... distante... e quando tiver ouvido uma vez vai ficar completamente satisfeita. Quem andou recitando esta coisa complicada para você?*

— *Li em um livro — disse Alice. — Mas andaram recitando para mim um pouco de poesia, bem mais fácil que esta... foi o Tweedledee, acho.”*

ADAPTAÇÃO

CARROLL, Lewis. *Alice Através do Espelho...E o que Ela Encontrou Lá*, adaptação de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023, pp. 5, 61.¹

¹ Cabe esclarecer que na ficha catalográfica da edição da Companhia das Letrinhas utilizada neste trabalho, não se explicita se a adaptação desta obra para o público infanto-juvenil foi também traduzida pela mesma pessoa. Reproduzimos aqui as informações: CASTRO, Ruy, *Alice através do espelho.... e o que ela encontrou lá: uma história de Lewis Carroll / contada por Ruy Castro e Lewis Carroll*; desenhada por Laura Beatriz.

pág.5:

Enquanto Alice pensava se estava invisível, reparou que, em cima de uma mesa da sala, havia um livro aberto. No livro, encontrou um poema que apenas dizia assim

aletocireJ

sotnejicarg somom so e ariedahlerg a arE

raqium an mavacord e mavavoriG

sotnemorod so sodot mavatse sezielefarF

ragorribose a asad sortar so E

Alice primeiro achou que o livro estava escrito em outra língua, mas logo matou a charada.

—Claro, é um livro do mundo que fica atrás do espelho! Por isso, ele está todo escrito ao contrário. Se eu colocar na frente de um espelho, as palavras vão ficar direitas de novo.

Esse foi o poema que Alice leu:

Jericoteia

Era a grelhadeira e os mombos gracijentos

Girovavam e broncavam na muipar

Frafelizes estavam todos os boromentos

E os ratros dasa a espirrogar

Alice ficou intrigada com aquele poema. Quantas palavras estranhas! Grelhadeira! Girovavam! Frafelizes! Não dava para entender o que estava escrito ali, mesmo com as palavras endireitadas. Parecia que as coisas do outro lado do espelho eram mais complicadas do que ela imaginava [...].

p. 61:

Significado das palavras de Jericoteia

Grelhadeira é a hora que a gente grelha o filé de frango para o almoço.

Mombo é um bicho que é meio texugo, meio lagarto e meio saca-rolha.

Gracijento é uma palavra-valise, ou seja, a mistura de duas palavras: metade gracioso, metade nojento.

Girovavam é rodar que nem um giroscópio.

Brocaram é furar que nem uma broca.

Muipar é o pedaço de grama ao redor de um relógio de sol. Chama assim porque vai muito para frente e muito para trás.

Frafelizes é outra palavra-valise: mistura de frágeis com infelizes

Boromento é um tipo de pássaro que parece um espanador.

Ratros são porcos verdes.

Dasa é uma junção das palavras “de” e “casa”.

Espirrogar é gritar e assobiar com um espirro e meio.

E Jericoteia é tudo isso que você leu aí em cima.

Ao nos debruçarmos sobre os trechos da obra, a comparação da tradução de três palavras-valise presentes no poema pareceu-nos produtivas, conforme evidencia a análise que se segue.

4. Análise

Nesta seção, vamos utilizar as reflexões, conceitos e teorias escolhidos como fundamentação teórica deste trabalho para fazer uma análise comparativa de duas traduções e uma adaptação de três palavras-valise de uma estrofe do poema presente na obra *Alice Through The Looking Glass, and What Alice Found There*, de Lewis Carroll.

A estrofe a ser considerada é a que se segue, com as palavras-valise em destaque:

Original – poema Jabberwocky de Lewis Carroll (1865)

Twas **brillig**, and the **slithy** toves
 Did **gyre** and gimble in the wabe:
 All mimsy were the borogoves,
 And the mome raths outgrabe.

Tradução 1 – poema Jaguadarte de Augusto de Campos (1977)

Era **briluz**. As **lesmolisas** touvas
Roldavam e relviam nos gramilvos
 Estavam mimsicais as pintalouvas
 E os momirratos davam grilvos.

Tradução 2 – poema Pargarávio de Fabio Takaoka (2023)

Solumbrava, e os **lubriciosos** touvos
em vertigiros personavam as verdentes;
 Trisciturnos calavam-se os gaiolouvos
 e os porverdidos estriguilavam fiendes.

Adaptação 3 – poema Jericoteia de Ruy Castro (2023)

Era a **grelhadeira** e os mombos **gracijentos**
Girovavam e broncavam na muipar
 Frafelizes estavam todos os boromentos
 E os ratos dasa a espirrogar

Com o objetivo de facilitar a comparação, considere-se a seguinte tabela:

PALAVRA-VALISE 1	
Original brillig	<i>'Brillig' means four o'clock in the afternoon—the time when you begin broiling things for dinner</i>
Tradução 1 briluz	<i>“Briluz” significa o brilho da luz às quatro horas da tarde, quando se passa a cena descrita nos versos.</i>
Tradução 2 solumbrava	<i>‘Solumbrava’ que dizer que a tarde caía: é aquela hora em que o sol vai baixando e as sombras se alongam.</i>
Adaptação grelhadeira	<i>Grelhadeira é a hora que a gente grelha o filé de frango para o almoço.</i>

Estratégias da tradução 1 para *brillig*

De antemão, esclarecemos que em uma busca nos dicionários online *Oxford English Dictionary* e *WordReference*, não foram encontrados verbetes para a palavra *brillig*.

Como se vê, ao traduzir o termo, Augusto de Campos manteve a classe gramatical da palavra do original quando a traduziu igualmente por um adjetivo (ou um substantivo adjetivado) e recriou a palavra-valise pela junção de “brilho” e “luz”.

Primeiro, nota-se que ele optou por manter a parte inicial da palavra original (*bri*), adicionando a palavra monossilábica “luz”, formando, assim, “briluz”. Há aqui uma analogia e uma aglutinação (Saussure, 2012) combinando dois termos ao criar a palavra-valise (Alves, 2007) “briluz”, o que é coerente com a explicação de Humpty Dumpty: o “*brilho da luz às 4 horas da tarde*”, insinuando assim que o brilho do céu nesse horário é tão intenso quanto o brilho da luz, mas deixando de fazer referência à explicação do original em inglês segundo a qual esta é a hora de começar a grelhar o jantar. A nosso ver, sua escolha contribui para formar uma imagem poética (Domingos, 2009) no texto para o leitor. Para Hermans e Vansteelandt (1999, apud Reuillard e Bevilacqua, 2012), o tradutor pode introduzir e formar neologismos com conceitos já existentes na língua, o que se aplica nessa tradução: conceitos já

existentes de “brilho” e “luz” foram utilizados para formar um neologismo estilístico (Guilbert, 1975, apud Reuillard e Bevilacqua, 2004), provocando um efeito de sentido poético.

Além disso, considerando as estratégias de tradução propostas por Accácio e Santos (2012), podemos dizer que houve modificação na ênfase (já que o objeto de referência/ a explicação da palavra criada foi alterada) e paráfrase (uma vez que foi mantida a característica de horário - 4 horas da tarde).

Ademais, podemos ainda estabelecer a relação de memória associativa (Saussure, 2012) de significados para a compreensão do leitor, pois a palavra “briluz” remete à lembrança da palavra “luz” que é associada à “brilho”. Portanto, foi criada uma nova palavra com sentidos já existentes na língua e que pode ser compreendida a partir da memória dos falantes.

Pode-se dizer em resumo que Augusto de Campos manteve a proposta de Carroll de utilizar uma palavra cujo significado lembrasse o horário, além de manter a classe gramatical da palavra, mas realizando uma modificação na ênfase. Dessa forma, ao usar a analogia, o tradutor, ao criar uma palavra nova palavra-valise (Alves, 2007), formou um neologismo estilístico (Guilbert, 1975, apud Reuillard e Bevilacqua, 2012), atribuindo à literatura de Carroll uma mistura do mundo real com o imaginário (Hermans e Vansteelandt, 1999, apud Reuillard e Bevilacqua, 2012) e criar um efeito específico (Santos, 2009).

Estratégias de tradução 2 para *brillig*

Levando em consideração a tradução de Augusto de Campos, podemos dizer que a criação de “solumbrava” foi bastante diferente. Primeiro, Takaoka optou por utilizar uma classe gramatical diferente da do original ao expressá-la por meio de um verbo e não por um adjetivo para exprimir a ideia de *brillig*. Considerando a explicação dada por Humpty Dumpty traduzida por Takaoka, é possível dizer que o verbo “solumbrava” expressa a ideia de cair da tarde pela junção das palavras “sol” e “sombra”. No entanto, levando em consideração o conceito de palavra-valise (Alves, 2007), pode-se dizer que as tais palavras não perderam parte de seus elementos: a palavra monossilábica “sol” se manteve, por memória associativa (Saussure, 2012) pode-se dizer que “lumbra” teve origem no verbo “deslumbrar”, que pelo dicionário Houaiss (2009), significa “embaciar, por excesso de luz ou brilho, os olhos ou a visão de; causar ofuscamento (nos olhos ou na visão); ofuscar, turvar”, e pelo dicionário

online Priberam Dicionário “*turvar a vista de alguém por efeito de demasiada luz*” (disponível em: <https://dicionario.priberam.org/deslumbrar>. Acesso em 12.11.2024). Dessa maneira, mais uma vez o conceito de brilho — que pode ser associado com o substantivo “sol” e sua característica brilhosa e luminosa — foi lembrado por associação (Saussure, 2012).

Assim sendo, o termo “solumbrava” pode ser analisada como a junção das palavras “sol” (substantivo) e “deslumbrava” (verbo conjugado no pretérito imperfeito, que perdeu sua parte inicial (Alves, 2007), que originou, na tradução, o verbo “solumbrava”, uma neologia estilística (Reuillard e Bevilacqua, 2012). Parece-nos também uma imagem bastante poética.

Também aqui, como no caso anterior, abriu-se mão da tentativa de expressar o horário em que se começa a grelhar o jantar, certamente por ser uma prática cultural que não tem correspondência perfeita com práticas brasileiras.

Estratégias da adaptação para *brillig*

Fazendo uma busca no Google na aba Shopping, foi possível encontrar produtos que usam o adjetivo “grelhadeira” - como “sanduicheira grelhadeira” e “churrasqueira elétrica grelhadeira”. Dessa forma, popularmente a palavra “grelhadeira” faz referência ao objeto que grelha alimentos, como uma churrasqueira. Utilizando a memória associativa (Saussure, 2012) é possível perceber que os falantes tornaram o verbo “grelhar” em um substantivo que faz referência ao objeto que realiza a ação de grelhar. Parece-nos que Ruy Castro buscou simplificar (Santos, 2009) o conceito de “objeto que grelha” para “grelhadeira”, que julgou mais compreensível para o público infanto-juvenil, transformando o verbo em substantivo para garantir a leiturabilidade (Santos, 2009).

Entretanto, não nos parece um termo usual, facilmente compreensível, sobretudo para crianças, especialmente crianças brasileiras, para as quais não faz sentido a prática culinária de grelhar frangos para o jantar, como se apontou acima. Os dois tradutores anteriores abriram mão deste significado presente na explicação de Humpty Dumpty em nome de garantir a leiturabilidade e também de um significante poético. Já na adaptação o uso de *grelhadeira* para indicar um horário nem criou uma palavra-valise e, a nosso ver, não produziu um efeito de sentido lúdico ou jocoso.

PALAVRA-VALISE 2	
Original slithy	<i>'Slithy' means 'lithe and slimy'. 'Lithe' is the same as 'active.' You see, it's like a portmanteau — there are two meanings packed up into one word.</i>
Tradução 1 lesmolisas	<i>Lesmolisas, ora, significa "lisas como lesmas". Veja bem, é uma palavra valise: dois significados embrulhados numa palavra só.</i>
Tradução 2 lubriciosos	<i>'Lubriciosos' significa lúbricos, que é o mesmo que escorregadios, e operosos, ágeis. Entende, é uma palavra-valise... há dois sentidos embalados numa palavra só.</i>
Adaptação gracijento	<i>Gracijento é uma palavra-valise, ou seja, a mistura de duas palavras: metade gracioso, metade nojento.</i>

Estratégias da tradução 1 para *slithy*

Uma busca no dicionário online *Oxford English Dictionary* mostrou que a palavra "*slithy*" foi definida pelo adjetivo "escorregadio" (disponível em <https://www.oed.com/search/dictionary/?scope=Entries&q=Slithy>. Acesso em 12.11.2024), o que pode ser diretamente relacionado com a tradução por "lesmolisas" e com a explicação da analogia (Saussure, 2012) "*lisas como lesmas*". Isso pode ser explicado pelo significado da palavra "slimy", que foi definida pelo dicionário online Merriam-Webster como "*slime*" ou "*viscous*" (disponível em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/slimy>. Acesso em 12.11.2024) que, ao traduzirmos livremente, sugere algo como "lodo" ou "viscoso". Já na pesquisa em WordReference, encontramos a palavra "*slithery*", significando "escorregadio" ou "lúbrico" (disponível em <https://www.wordreference.com/enpt/slithery>. Acesso em 12.11.2024), e "lúbrico" definido como "*que possui umidade; próprio para escorregar ou fazer escorregar; escorregadio, liso*" pelo Dicionário Houaiss (2009). Todas essas são palavras que, com a memória associativa (Saussure, 2012) e pelo significado, lembram a palavra "lisa" que por associação é tida como uma característica da lesma.

Além disso, a analogia feita por Augusto de Campos leva em consideração justamente isso: ser tão lisa quanto uma lesma que pode ser chamada pelo

nome/palavra-valise "lesmolisa", ou o plural "lesmolisas". Assim sendo, temos um adjetivo (*slithy*, no original) que se manteve na mesma classe gramatical do original por fazer referência a uma característica do molusco lesma.

Podemos dizer, ainda, que houve modificação na abstração (Accácio e Santos, 2012), já que ao adicionar um objeto de referência (lesma), o conteúdo traduzido se tornou mais concreto do que o conteúdo da explicação original, e modificação na ênfase (Accácio e Santos, 2012), já que, a nosso ver, o enfoque temático foi levemente alterado quando o objeto de referência (lesma) do adjetivo foi substantivado pela associação a um molusco. Perde-se, entretanto, a ideia de agilidade, presente no original.

Assim sendo, a palavra "lesmolisa"(s) foi criada a partir da junção "les(ma)" e "lisa" (observamos, aqui, que a primeira palavra perdeu sua parte final), partindo da associação (Saussure, 2012) com característica lisa das lesmas. Assim, essa palavra-valise foi criada mantendo a ideia de "viscoso" do original em inglês *slithy*. O tradutor Augusto de Campos não utilizou a ideia de "active" (presente na explicação do texto original), substituindo-a por uma referência à lesma. Isso se caracteriza como paráfrase (Accácio e Santos, 2012), em que a ideia principal da característica "viscosa" ou "lisa" foi mantida, apenas descrita com outra palavra.

Estratégias da tradução 2 para *slithy*

O Dicionário Houaiss (2009) registra o adjetivo "lúbrico", com significado de "que possui umidade; próprio para escorregar ou fazer escorregar; escorregadio, liso" muito semelhante ao que foi explicado por Humpty Dumpty. Assim, pode-se analisar que a palavra-valise (Alves, 2007) é formada pelo adjetivo *lúbrico* somado ao sufixo -*iosos*. É interessante notar que o autor associou a palavra "lúbrico" com "operosos" e "ágeis", aproximado-se mais do sentido original em inglês.

Estratégias da adaptação para *slithy*

No caso da palavra-valise "gracijento", o personagem Humpty Dumpty explana que seu significado carrega os conceitos de "gracioso" e "nojento". Nessa palavra-valise temos explicitamente o conceito explicado por Alves (2007) de que a palavra-valise é um novo item léxico formado pela parte inicial de uma palavra e a parte final de outra, respectivamente graci-(oso) e (no)-jento. Ao analisarmos, percebe-se que Ruy Castro utilizou-se da memória associativa (Saussure, 2012) para relacionar as

palavras “slimy” (viscoso, escorregadio) com o conceito da palavra “nojento”, já que popularmente algo viscoso tem textura desagradável ou até nojento. Aqui é possível perceber também que, para além do signo linguístico, criou-se uma imagem (Domingos, 2009) quando se considera a palavra no contexto do poema.

PALAVRA-VALISE 3	
Original gyre	<i>To 'gyre' is to go round and round like a gyroscope. To 'gimble' is to make holes like a gimblet.</i>
Tradução 1 roldavam	<i>“Roldavam” significa que os bichos rodavam em roldão, “relviam” que eles se revolviam na relva. “Roldar” também pode ser girar como uma roldana.</i>
Tradução 2 em vertigiro	<i>‘Vertigiro’ é o giro vertiginosamente rápido de uma verruma.</i>
Adaptação girovavam	<i>Girovavam é rodar que nem um giroscópio.</i>

Estratégias da tradução 1 para gyre

Segundo o dicionário online *Oxford English Dictionary*, “gyre” como um verbo foi relacionado a “to turn around”, “revolve” e “gyrate” (disponível em <https://www.oed.com/search/dictionary/?scope=Entries&q+=gyre>. Acesso em 12.11.2024), que são traduzidas livremente por “girar”. Ao pesquisar no dicionário online *WordReference*, resultados parecidos foram obtidos, mas como substantivo: “circular movement”, “circle or spiral” (disponível em <https://www.wordreference.com/es/translation.asp?tranword=to%20gyre>. Acesso em 12.11.2024), traduzidos livremente como movimento circular e círculo ou espiral. Assim sendo, a palavra “roldavam”, com a explicação dada por Humpty Dumpty, surgiu a partir da palavra “roldão”, transformada em verbo (roldar) com o significado do verbo “rodar”: roldão (substantivo)→ rodar (verbo)→ roldar (ou “roldavam”: verbo no pretérito imperfeito, terceira pessoa do plural). Além disso, o personagem ainda complementa que “roldavam” também pode ser “girar como uma roldana”, fazendo com que uma palavra seja criada a partir da analogia (Saussure, 2012) da ação de girar que uma roldana faz.

Dessa forma, dizemos que a palavra “gyre” foi apresentada no texto original em inglês na forma de verbo e foi traduzida por Augusto de Campos também como verbo em forma de neologia primária (Hermans e Vansteelandt, 1999, apud Reuillard e Bevilacqua, 2012).

Estratégias da tradução 2 para gyre

Por memória associativa (Saussure, 2012), as palavras “vertigiro” e “vertiginosamente” lembram a palavra “vertigem”, que pode ter sido usada para formar a palavra-valise (Alves, 2007). Assim, o substantivo “vertigem” tem o significado de “sensação de movimento oscilatório ou giratório do próprio corpo ou do entorno com relação ao corpo; tonteira, tontura, vágado”, de acordo com o Dicionário Houaiss (2009). Diante disso, também por memória associativa (Saussure, 2012), analisa-se que as palavras “equilíbrio” e “tontura”, por exemplo, podem estar ligadas ao significado do verbo “girar”, que deu origem ao substantivo “giro”. Dessa forma, a fim de juntar dois significados em um único significante, foi criado um item léxico (Alves, 2007) que carregasse os dois conceitos, mantendo a parte inicial (Alves, 2007) da palavra “vertigem” (vertig-) e adicionando a palavra “giro”, resultando em “vertigiro”. A se notar que, nesse caso, o que era verbo no original, aqui aparece como uma locução adverbial (em vertigiro) que caracteriza o modo como a ação ocorria expressa pelo verbo que a sucede (*persondavam*).

Estratégias da adaptação para gyre

No Dicionário Houaiss (2009), “giroscópio” é definido como um “*dispositivo cujo eixo de rotação mantém sempre a mesma direção [...], que gira em grande velocidade ao redor de um eixo de revolução e é suspenso de modo a ter liberdade de movimentos*”

Somando o substantivo “giroscópio” com o verbo “rodar”, é possível, por memória associativa dizer que “giroscópio” lembra “girar” que, por sua vez, lembra seu sinônimo “rodar”. Assim, analisando a formação de um novo item léxico (Alves, 2007), pode-se dizer que a palavra-valise “girovavam”, criada por Ruy Castro, é a junção da palavra “giro” com a parte conjugada em terceira pessoa do plural do verbo “rodar” (rodavam). Isso possivelmente teve origem no processo de transformação de “giro” em um novo verbo (ou neologismo), resultando em “girovar” com a adição do final “-vam” da conjugação de “rodar”. Dessa forma, na construção dessa palavra-

valise, também é interessante observar que o conceito de leiturabilidade (Santos, 2009) parece ter guiado a escolha de Ruy Castro.

5. Conclusão

O presente Trabalho de Conclusão de Curso buscou, como objetivo geral, analisar duas traduções e uma adaptação brasileiras de algumas palavras-valise presentes no poema *Jabberwocky* do livro *Alice Through The Looking Glass, and What Alice Found There*, do escritor inglês Lewis Carroll.

Para tanto, buscamos, primeiro, nos apropriarmos da descrição teórica sobre procedimentos linguísticos de formação de palavras e de criação de neologismos na língua, de forma geral, para em seguida identificar quais parecem ter sido utilizados na tradução de palavras-valise da língua inglesa para o português brasileiro. Com base em tal suporte teórico, foi possível analisar e avaliar os diferentes efeitos de sentido provocados pelas duas traduções e pela adaptação a um público infanto-juvenil da mesma palavra-valise.

Ao retornar às questões de pesquisa que formulamos inicialmente, podemos considerar que, tomando como ponto de partida as reflexões de Saussure (2012), foi possível perceber que o léxico de uma língua é arbitrário e a tradução das palavras-valise faz parte dessa definição: ao criar palavras ou combinar significados e significantes para criar novas palavras-valise, é possível manipulá-los conforme a intenção do autor/tradutor.

A manipulação das palavras ficou evidente principalmente na edição brasileira escolhida da adaptação, já que palavras e conceitos foram simplificados a fim de influenciar a leiturabilidade (Santos, 2009) para o público-alvo infanto-juvenil. Ou seja, o texto direcionado ao público-alvo infantil conta com as palavras-valise similares ao texto original, em inglês, mas simplificadas para que o leitor possa ter domínio da compreensão e possa imaginar o significado das palavras. Isso também pode ser observado com o fato de que Ruy Castro escolheu explicar as palavras do poema *Jericoteia* apenas ao final do livro, na página 61, o que pode ser uma estratégia

dinâmica quando observamos que a leitura de livros infantis pode, também, ser contada oralmente por adultos ou por crianças alfabetizadas.

Quanto às traduções, foi possível observar que foram mantidas, em alguns casos, a mesma classe gramatical, como “*brillig*”, que se tornou “briluz” para Augusto de Campos, um adjetivo em ambos os casos. No entanto, alguns tradutores escolheram mudar a classe gramatical, como a mesma palavra “*brillig*” se tornou um verbo, “solumbrava”, na tradução de Fabio Takaoka.

Com isso, notamos que os tradutores tomaram posse do texto e se tornaram autores da história, o que faz com que a narrativa se torne homogênea e fluida, pois há uma tentativa de tornar o texto mais próximo da realidade do leitor, com palavras que utilizam da memória associativa como estratégia para a compreensão.

Para a criação das palavras e criação de palavras traduzidas, os conceitos de aglutinação (Saussure, 2012), palavras-valise (Alves, 2007; Boulanger, 1979; Clas, 1987 apud Reuillard e Bevilacqua, 2012; Andrade e Rondinini, 2016; Reuillard, 2007 apud Reuillard e Bevilacqua, 2012), neologia (Alves, 2007; Reuillard e Bevilacqua, 2004), cruzamento vocabular (Andrade e Rondinini, 2016) foram muito utilizados para nós explicarmos como, a partir de tais autores, novos itens léxicos foram criados para compor o poema *Jabberwocky*.

De forma geral, é possível dizer que os tradutores das edições analisadas não utilizaram as mesmas palavras e nem mesmo palavras semelhantes em português brasileiro; uma mesma palavra inglesa pode ter sido traduzida por um sintagma de até três novas palavras ou por uma palavra de classe gramatical distinta da original. Dessa forma, pode-se dizer que cada tradutor utilizou diferentes estratégias de tradução para a mesma palavra, criando novos signos, ora privilegiando a sonoridade do significante, ora garantindo o significado original. No que diz respeito ao significado, observou-se que as traduções 1 e 2 evitaram fazer referência a uma prática cultural desconhecida do público brasileiro, enquanto a adaptação manteve a referência, o que a nosso ver, não foi uma boa escolha. Uma característica presente na tradução todas as palavras-valise foi a de manter efeitos de sentido poéticos e lúdicos próprios da obra de Lewis Carroll.

Com base no que foi estudado e aprendido durante a elaboração do TCC, é explícito quanto o trabalho do tradutor envolve cultura, interpretação, imagem, público-alvo e vai muito além de traduzir “palavra por palavra”. Assim, principalmente

com a tradução literária, objeto de pesquisa do nosso trabalho, é necessário que cada tradutor interprete os signos linguísticos de uma forma para criar um texto original, mas que resgata o texto-fonte, já que é necessário, também, pensar nas marcas estilísticas do autor do texto de partida. A cada tradução a mesma história foi contada com detalhes e traços da interpretação dos tradutores — incluindo as ilustrações da adaptação que também tiveram origem da interpretação a partir da leitura e que prende a atenção e incentiva a imaginação do público infanto-juvenil.

6. Bibliografia

ACCÁCIO, Manuela; SANTOS, Adriana. **As estratégias semânticas na tradução de neologismos em literatura infanto-juvenil**. TODAS AS LETRAS T, v. 14, n. 2, 2012. Disponível em:

<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/2297>

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

AMARANTE, Dirce Waltrick do. **As antenas do caracol: notas sobre literatura infantojuvenil**. CIDADE: Iluminuras, 2000.

ANDRADE, Katia Emmerick; RONDININI, Roberto Botelho. **Cruzamento Vocabular: um subtipo da composição? Revista DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, Vol.: 32, nº 04, Oct-Dez 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/delta/a/NHKKfy8CJMGBXyZRsc7fTLR/?lang=pt>

BRITTO, Paulo Fernando Henriques. **A Tradução Literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012

CARROLL, Lewis. ***Alice Through The Looking Glass, and What Alice Found There***. New York and London: Harper & Brothers, 1902.

CARROLL, Lewis. ***Alice Através do Espelho...E o que Ela Encontrou Lá, adaptação de Ruy Castro***. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023

HOUAISS. ***Dicionário eletrônico da Língua Portuguesa***, Objetiva: São Paulo, 2009.

HUDSON, Derek. ***Lewis Carroll; Writers and Their Work n. 96***. British Council and the National Book League. Great Britain: F. Mildner & Sons, London, E. C. I, 1958.

CARROLL, Lewis. *Alice Através do Espelho*. Tradução de Fabio Takaoka. Barueri: Garnier Editora, 2023.

CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Alice Através do Espelho*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. Tradução do poema Jaguadarte de Augusto de Campos, São Paulo, Summus Editorial, 1977.

MARONEZE, Bruno Oliveira. **As concepções saussurianas de formação de palavras**. *ReVEL*. Edição especial n. 2, 2008. Disponível em: https://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_as_concepcoes_saussurianas_de_formacao_de_palavras.pdf

MARTINS, Leonardo Freitas de Souza. **Harry Potter e a tradução de seus neologismos no Brasil** (Dissertação de Mestrado). Brasília: UnB, 2017. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/23576>

Merriam-Webster Dictionary. Disponível em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/slimy>

NETO, Natival Almeida Simões. **Outras palavras: as palavras-valise entre revisões e sistematizações**. *Revista Tabuleiro de Letras*, PPGEI–Salvador, Vol.: 10; nº. 02, Dezembro de 2016. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/2815>

Oxford English Dictionary. Disponível em: <https://www.oed.com/>

REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos; BEVILACQUA, Cleci Regina. **Neologia Tradutória**. UFRGS LUME Repositório Digital, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/99109>

PEREIRA, Conceição. **Nonsense em Português**. Lisboa: CLEPUL, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/26191580/Nonsense_em_portugu%C3%AAs

Priberam Dicionário. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Flávia Santos; FROMM, Guilherme. **Alice no país dos neologismos: um estudo à luz da Linguística de Corpus.** Scientia Traditionis, n.11, 2012.

Disponível em:

https://comet.fflch.usp.br/sites/comet.fflch.usp.br/files/u30/alice_neologismo.pdf

Word Reference Dictionary. Disponível em: <https://www.wordreference.com/>